

A Oficina Lego na educação de adolescentes em conflito com a Lei - uma leitura filosófica com bases psicanalíticas

The Lego Workshop on Adolescents in Conflict with Law

Fabíola Menezes de Araujo

confabulando@gmail.com

Mestre em Filosofia pela UERJ e Doutora em Psicanálise pela UFRJ.

Sandra Maria Saragoça Decembino Caldas

sandradecembrino@hotmail.com

Especialização em Informática Educativa UCB. Curso de extensão em Mídias na educação URFRJ.

Resumo

A Oficina de Lego é um método lúdico de ensino-aprendizagem que acontece há cerca de dez anos no Cense Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, sistema sócioeducativo localizado na Ilha do Governador, e vem permitindo a alunas advindas de conflitos com a lei elaborarem-se de modo a conseguir ter prazer com a educação. A metodologia usada, portanto, é a brincadeira de montagem e desmontagem. Os resultados destas brincadeiras são jovens que reaprendem o prazer de aprender. O aporte teórico é quase que exclusivamente S. Freud e J. Lacan. Assim sendo, para refletir sobre as causas do conflito com a Lei e sobre a possibilidade de sublimação destas causas, trazemos conceitos da psicanálise. Freud considera que o lúdico advém de um movimento intitulado de *Fort-Da*, em que a criança aprenderia a saber de si a partir do jogo. Este movimento é proposto como a causa originária da sublimação da pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer*. A partir da expressão que as alunas encontram na Oficina de Lego, estas passam a realizar-se não mais em conflito com a Lei.

Palavras-chave: *Fort-Da*; tempo de compreensão; método ensino-aprendizagem.

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. III | N. 6 | Arte, Liberdade de Expressão e Direitos Humanos. Pastoral Anchieta PUC-RIO. Universitária

Introdução

Pedimos licença para o uso da perspectiva e dos termos psicanalíticos em um ambiente que não o da clínica. Essa licença se justifica em função de nossa trajetória acadêmica¹, em que a psicanálise surge como um campo teórico que ousa pensar uma das questões que norteiam a pesquisa cujos resultados são considerados aqui. Apesar de ampla, consistindo basicamente no que faz o ser que somos ser assim como é, neste artigo procuramos nos restringir à seguinte questão: por que jovens entram em conflito com a Lei?² Questões como se estas jovens sabem que estão infringindo a lei, se conhecem as consequências de seus atos, isto é, se compreendem que estão agindo em desacordo com princípios cristãos, ou mesmo de humanidade³, de modo a terminarem internadas no sistema socioeducativo, guiaram nossa pesquisa⁴.

1 Desenvolvimento

1.1 Uma breve leitura antropológica

Em parte, chegaremos a concluir que as jovens e crianças em conflito com a Lei apenas agem sob a égide de sofrimento e da carência, como considera Zeitoune (2009):

¹ Uma das professoras envolvidas no processo de ensino-aprendizado relatado neste artigo tem doutorado em Teoria Psicanalítica e é Pos-doutoranda Eco - UFRJ, onde pesquisa a questão da violência contra a mulher.

² Adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação, matriculadas no Colégio Estadual Luiza Mahin ou sob júdice e guardadas pelo DEGASE – Departamento Geral de Ações Sócio-educativas – órgão responsável pela execução das medidas socioeducativas aplicadas pelas Varas da Infância e da Juventude do Estado do Rio de Janeiro.

³ Os princípios identificados como cristãos ou de humanidade aqui são simplesmente os quatro últimos dos Dez Mandamentos, a saber: “Não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não mentirás; não cobiçarás a mulher do próximo, nem a sua casa e seus bens.” Estes mandamentos são, em linhas gerais, e justamente, aqueles contra os quais as alunas vão ao realizar as infrações que as levaram a serem internadas, daí o interesse da subscrição bíblica.

⁴ “Os jovens envolvidos em situação de violência, ora são descritos como vítimas, ora como causadores da violência urbana.” (ABDALLA & VERGILIO, 2012). Assim é também nas famílias: cuidar, tanto das causas da violência, quanto das vítimas, também função do educador e dos técnicos nas escolas de Socioeducação.

As comunidades de onde provêm as adolescentes não dispõem de infraestrutura nos serviços de atendimentos e são carentes das condições mínimas de urbanização, tais como saneamento, circulação, transporte etc. São marcadas pela violência e dominadas pelos “comandos” do tráfico de drogas ou “milícias”, que impõem suas leis a “ferro e fogo”. Isso não significa que os jovens de classe média não tenham relação conflitiva com a lei, mas são poucos os que entram no sistema socioeducativo.

Em outras palavras, as alunas da escola socioeducacional onde a presente pesquisa teve lugar não provêm de uma classe social específica. Ainda que majoritariamente tenham provindo dos comandos ou agrupamentos onde são comandadas pelos “comandos” do tráfico de drogas ou “milícias”, que impõem suas leis a ferro e fogo, em alguns poucos casos o ato que fez delas internas está relacionado a conflitos intrafamiliares, ao ambiente escolar, ou ainda atos realizados em função de problemas com amigas. Um dado antropológico interessante é que, quando provindas da guerra do tráfico, ao contrário dos alunos de escolas socioeducacionais masculinas, é nítido que as internas perdem o contato que mantinham com os comandos à margem da Lei referidos. É interessante notar que, desde 2015, as escolas responsáveis por acolher as jovens e crianças infratoras passaram também a acolher jovens transexuais ou transgênero. A adaptação destas jovens é muito mais difícil. Acreditamos que isto se dê em função das alunas transgênero não conseguirem cativar as demais alunas. Elas mantêm uma relação de rivalidade e se veem em conflito mais facilmente do que as demais alunas.

A maioria das internas sequer consegue compreender o que lhes acontece ou pode acontecer quando infringem a Lei. O modo como elas se agrupam possivelmente favorece a inconsciência do ato infracional. Seja para se proteger, seja para superar o Complexo de Édipo, o fato é que elas se agrupam por causa do amor. Cerca de um terço das alunas, ao chegar ou antes de chegar, se identificam com o gênero masculino – isto é, aparentam ser meninos e mesmo agem como se o fossem – passando a demonstrar interesse amoroso pelas alunas que se identificam com o gênero feminino. Esta identificação com o gênero masculino com frequência deixa de existir fora do ambiente socioeducacional. Isto nos levou a cogitar duas hipóteses: 1) que elas agem como meninos para se proteger do assédio sexual, que é costume no ambiente do crime ou de onde provêm; 2) que se identificam com um determinado gênero afim de superar o Complexo de Édipo. A segunda hipótese se justifica porque a identificação a partir da qual

nasce um laço afetivo entre as alunas que aparentam ser masculinas e as que aparentam ser femininas não gera apenas cuidado recíproco, mas muitos conflitos, que não sem frequência terminam em violência. Sendo o ciúme a principal causa destes conflitos, fomos levados a supor que se trata do mecanismo intitulado por Freud de “retorno do recalcado” a partir do qual tem lugar a passagem ao ato⁵. O retorno em questão é lido como de ordem sexual por Freud e, quando aliado ao tratamento psicanalítico, poderia servir à análise ou ao trilhamento de um outro discurso pelo sujeito. Na escola, normalmente as alunas são separadas das demais e recebem um pouco de atenção por parte das psicólogas, chamadas técnicas, que junto aos demais funcionários trabalham no sentido de trazer dignidade às internas.⁶

As jovens que são alocadas no Ensino Fundamental e Médio têm entre 12 e 21 anos. A princípio, elas sabem que agem em desacordo com a Lei não porque alguém as tenha instruído. No cotidiano, sabemos que elas têm noção de que agem em desacordo com as leis simplesmente porque fogem dos responsáveis por mantê-las⁷. Não bastasse fugirem do Outro⁸, denegam o ato infracional⁹, isto é, dizem, frequentemente, que não cometeram o ato que as levaram a estar

⁵ Sobre a passagem ao ato: “Lacan tem duas categorias diferentes para explicar essas irrupções — o acting out, em que, em vez de falar, a pessoa se expressa por meio de uma ação expressiva deste conteúdo; e a passage a l’acte, em que o sujeito é destruído na ação.” (SEGATO 2016, p.179, trad. nossa)

⁶ É digno de nota o esforço da dentista que trabalha com muito zelo no sentido dar dignidade às alunas. Já o empenho das médicas e religiosas por vezes atrapalha mais do que ajuda o trabalho realizado pela escola. Isto porque seus principais instrumentos de labor são remédio e palavras moralistas.

⁷ Fogem do Outro, seja na figura de seus pais, seja de seus professores, seja na figura de policiais, quando os primeiros se ausentaram ou mesmo quando esses foram intrusivos. Cotidianamente, quando os pais são ausentes, os tutores, professores ou policiais os substituem na cadeia imaginário-simbólica de responsabilidades com relação à manutenção do Outro ou da Lei. Consequência: morte – O jornal O Globo publicou uma série de reportagens sobre este assunto no período de 2 a 10 de dezembro de 2007. Nelas, aponta que mais da metade - 52,6 % - dos adolescentes que se envolveram em atos infracionais no ano de 2000, morreu ou cometeu outros crimes após completar 18 anos (ZEITOUNE, 2009) – ou transtornos psíquicos. Já quando os pais são intrusivos, supomos haver a necessidade de atos ou figuras simbólicas capazes de os separar.

⁸ O Outro, no desdobramento teórico de Lacan que se segue à década de 60, compreende tanto as escolhas identificantes quanto aquilo que escapa a qualquer identificação. O Outro, por exemplo, na figura do professor, tem tanto o papel de se posicionar enquanto tal e assim gerar intuitivamente um processo de identificação, quanto o delicado papel de sustentar a dialética que surge no momento em que o Outro cai, momento esse que frequentemente se segue à identificação e que acontece junto a um gozo capaz de desvelar o objeto. Muito embora o papel em educação não seja manter uma auscultação a esse objeto, a educação pode fazer com que esse objeto não seja excluído e seja contornado junto ao advento de singularidades. Neste momento, a explicitação das regras através das quais a educação se constitui, assim como a empatia do educador, aparecem como instrumentos fundamentais na educação tanto quanto a própria matéria a ser ensinada.

⁹ Sobre a expressão ato infracional e a sua prática por crianças e adolescentes sugerimos Aquotti: “14 anos de ECA: a Criança e o Adolescente Infrator na Sociedade Atual”, p. 46. Já sobre a negativa do ato infracional, Zeitoune comenta: “Chama a atenção o grande número de adolescentes que: negam

internadas¹⁰. Talvez seja demasiado traumático reconhecê-lo. Segundo Freud, a denegação se daria como uma forma de fuga de pulsões traumáticas¹¹. Dar-se-ia como uma forma de reação neurótica¹²: algumas ideias, sendo incompatíveis com o que se pode sustentar simbolicamente, passariam a ser negadas (Freud, 1894, p.64). Através do método psicanalítico, tratar-se-ia de encontrar quando tem lugar o reencontro destas representações em que se fixaram as pulsões referidas de modo a permitir ao paciente elaborá-las.

Já as adolescentes acauteladas podem acreditar também que, negando, conseguirão alguma forma de reconhecimento, seja pecuniário, seja simbólico. É preciso lembrar que são inocentes, na medida em que, sendo menores de idade, não podem ser imputadas por seus atos. A circunstância é que na ausência de elaboração das situações pelas quais passaram ou passam, o conflito com a Lei tende a permanecer. No nível do real, essas situações permanecem causando os sintomas que levaram ao ato infracional. É necessário que elaborem as experiências pelas quais passaram. É a presença deste cuidado que as permite elaborar os acontecimentos sofridos, de modo que as jovens passem a poder sustentar-se perante a Lei.

envolvimento na prática do ato infracional no qual se veem envolvidos, são tomados de surpresa, culpam o colega ou o policial, afirmam que foram “forjados”, reclamam da violência policial, sentem-se injustiçados.” (2009).

¹⁰ Grande parte do trabalho das psicólogas chamadas técnicas consiste em, através de um cuidadoso trabalho de elaboração das cenas traumáticas do ato cometido, favorecer que elas próprias se deem conta da responsabilidade das infratoras no ato infracional que, de outro modo, talvez permanecesse no âmbito da denegação, isto é, da negação do que mostra acontecido ou mesmo real na fala.

¹¹ A noção de pulsão faz parte do vocabulário psicanalítico desde o seu nascimento, trata-se de uma descarga de caráter elétrico, é plural e variada, sendo possível reunir-se a qualquer objeto, a exemplo do seio da mãe. Já a ordem do traumático diz respeito a algo de caráter sexual. “Nos termos da ‘primeira tópica’, em que o aparelho psíquico aparece dividido em ‘inconsciente’, ‘consciente’ e ‘pré-consciente’, compreende-se que em meio à situação traumática haja uma grande descarga pulsional que permaneceria inacessível ao consciente, sendo afastada para o âmbito do inconsciente. Em se tratando da segunda tópica, que traz esse aparelho dividido em ‘eu’, ‘super-eu’ e ‘isso’, supõe-se que nas situações traumáticas o “isso” impere, dificultando o trabalho do ‘super-eu’ e tornando o ‘eu’ vulnerável, incapaz de lidar com a lembrança trazida ou com outra situação que reporte ao acontecimento traumático. Do mesmo modo como se realizaria um esquecimento em meio a situação traumática, outro esquecimento se daria sempre que se tentasse acessar essas situações por meio da rememoração. Seriam, pois, lembranças encobridoras aquelas que ‘encobririam’ a situação traumática, impedindo que o trauma se mostre plenamente”. (FREUD, 1917-1918, p.175, apud ARAUJO, 2012a, p. 81).

¹² “Cada vez que o neurótico consegue, ou tende a conseguir, a assunção do seu próprio papel, cada vez que de algum modo se torna idêntico a si próprio, se dá conta da insegurança da sua própria manifestação e o ‘si mesmo’ se desdobra, por hábito, em uma invocação delirante” (ARAUJO, 2012a, p.48). Dar-se-ia, neste caso, a “repetição de uma ordem, tida como mítico-simbólica já que previamente estruturada, e em que o neurótico evita se jogar imaginariamente porque esta ordem realmente o impede de apreender o seu ser. Segundo Lacan, os planos do Simbólico e do Real, mantendo-se unidos, provocam no neurótico o esquivamento do encontro com o real [e] tornar-se-ia, nítido, então, o esquivamento da ordem traumático.” (ARAUJO, 2012, p.50)

Levando em consideração que as jovens fogem do Outro, como já referido, negam que estão em conflito com a Lei, dizendo que não cometeram nenhum ato infracional quando participaram de crimes, e parecem não compreender, de imediato, as consequências de seus atos, acreditamos que elas precisam, antes de mais nada, de um tempo para compreender seus próprios atos: seja tempo para compreender certos atos como sendo ilícitos seja tempo para realizar as possibilidades de obter outro modo de reconhecimento simbólico que não aquele vinculado a atos infracionais¹³. Mas como conseguir este tempo?

O tempo, compreendido no trabalho de perlaboração¹⁴, não pode ser tomado no sentido habitual: não se trata de um tempo cronológico ou passível de existir sem o trabalho em questão. Para as jovens que não realizam a Oficina de Lego, o tempo de compreensão parece inexistir: elas voltam a reincidir no ato infracional como se a internação no sistema socioeducativo tivesse inexistido¹⁵. Trata-se, por sua vez, de um tempo diferente na Oficina, em que as alunas também realizam-se diferentemente e, logo, passam a compreender melhor as situações de conflito pelas quais passaram. Elas mesmas afirmam e o fato de reconhecer que erraram o comprova. Deste modo, podem superar estas situações e passar a sustentar-se frente à Lei. As alunas internas do Cense Professor Antônio Carlos Gomes da Costa têm atividades de robótica e de confecção de vídeos de animação.

¹³ É importante ressaltarmos que, na fala dos adolescentes, surge como um dos principais motivos do conflito com a Lei: “comprar roupa de marca”. (cf. Zeituone, 2009). É possível deduzir que a principal causa do conflito seja a necessidade manter certo status nas relações entre os sexos. Um dos desafios é criar ou manejar modos diferentes de relações entre gênero que não pautados no conflito com a Lei.

¹⁴ É de Freud a noção de perlaboração. Trata-se de um termo clínico muitas vezes traduzido simplesmente como elaboração. A exemplo de “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914), ou Perlaborar; nesta obra a resistência é apontada como o centro a partir do qual uma repetição passa a incidir. Freud coloca que determinada maneira de agir se repete no consultório psicanalítico até que esse agir seja substituído por uma lembrança. É dito, neste âmbito, que “quanto mais a resistência é grande, mais a lembrança será grandemente substituída pelo agir (repetição)” (FREUD, 1914/2010, p.167 *apud* ARAUJO, 2012b, p.23). Isto é: “quanto maior é a repetição, mais o sinal de que a lembrança se dará no agir, sendo o agir, não obstante, compreendido como uma forma de lembrar [e perlaborar]” (FREUD, 1914/2010, p.167 *apud* ARAUJO, 2012b, p.23).

¹⁵ Além da alta taxa de morte vale trazer também a alta taxa de reinfração: “42%. Constata-se, assim, o fracasso do sistema socioeducativo em promover ações que visem uma intervenção comprometida com o acesso desses jovens ao processo de cidadania.” (ZEITOUNE, 2009).

2 A educação e as pulsões

O fracasso de inúmeras metodologias no ambiente escolar seria compreendido por Freud como sendo de origem neurótica (1905/1976). O próprio Freud teria apresentado “diferentes concepções sobre a educação, por vezes, criticando-a como desencadeando neuroses” (LMA & LIMA, 2010). Seria na medida em que a educação em geral tentaria apenas limitar a ação da pulsão que o esforço educativo não seria sequer válido. A educação, sob esta ótica, faria emergir senão um sentimento de vergonha, onde os ideais estéticos e morais ficariam cada vez mais distantes do realizável, fazendo com que o conflito com a lei irrompa. Neste sentido, as metodologias que não levam em conta o júbilo tenderiam apenas à:

repressão da sexualidade, trazendo como resultado a debilidade do pensamento. (...) Observa-se que uma das contribuições da psicanálise para o campo educacional (pois) é um novo olhar sobre o problema da debilidade do pensamento, e a relação desta com o desenvolvimento da criança e a sexualidade, o que tira a problemática do campo orgânico e a lança no plano do psiquismo.” (LIMA & LIMA, 2010)

Urgem, pois, metodologias, caminhos, que possam reunir, a um só tempo, o júbilo, a alegria de brincar e o aprendizado. É Freud quem considera primeiramente o jogo, a brincadeira, como um momento fundamental para a sublimação da pulsão de morte¹⁶. O movimento do *Fort-Da* seria a ilustração da brincadeira como a primeira forma de sublimação (ARAÚJO, 2013a, 2013b). Tratar-se-ia de um movimento dialético: com a brincadeira sublima-se a pulsão de morte; já a ausência do cuidado capaz de manter a brincadeira tratar-se-ia como consequência imediata da ausência de sublimação e o retorno da pulsão de morte¹⁷.

¹⁶ A pulsão de morte aparece como uma tendência do organismo a “retornar ao inorgânico” em *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920/2006, p.162). Ao repetir “o comportamento de buscar a morte ao seu próprio modo” (FREUD, 1920/2006, p.163), o organismo tenderia ao desejo de não mais ser. (Sobre isso: ARAÚJO, 2012a, p.114.)

¹⁷ Vale a pena precisar que a dialética em questão é a do inconsciente e, como tal, bem diferente daquelas clássicas, seja das antigas, a exemplo da aristotélica, das medievais, a exemplo da de S. Tomás de Aquino e das modernas, a exemplo da de Hegel, para as quais a linguagem é tida como capaz de abarcar o Real. Segundo Ricoeur (2010, 3, p.148 apud. Araujo, 2012a, p.83), sobre a dialética que tem lugar no vocabulário psicanalítico, “o sintoma tem o sentido de 'deixar transparecer uma origem' ao mesmo tempo em que com essa palavra marca-se o fato de ignorar-se [esta origem]. Compreender que no sintoma há tanto uma origem quanto um desejo de ignorar essa origem é capaz de conduzir à ambivalência (da dialética) em questão: a partir do sintoma teríamos acesso àquilo que está

Seria a pulsão, quando não sublimada, a responsável pelo conflito com a Lei. Nas adolescentes internadas, seria a pulsão de morte a protagonista dos atos infracionais. Seria este ato, sob esta ótica, nada mais do que uma necessidade pungente de retorno à brincadeira. As trágicas consequências não seriam sequer passíveis de serem compreendidas pelas alunas sem que antes tenha acontecido, primeiro, o lúdico. O lúdico seria, em última instância, a prerrogativa da sublimação imprescindível para que a compreensão aconteça. Não obstante as adolescentes estarem no mundo, serem “ser-no-mundo”, tal como o pensador Heidegger considera em *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1986, p.198-203), elas simplesmente não chegariam a compreender¹⁸ sem que tivesse havido, antes, a brincadeira.

Seguindo esta linha pensamento, as adolescentes em conflito com a Lei não agiriam contra a Lei intencionalmente, mas estariam realizando, a seu modo, o movimento do *Fort-Da*, isto é, os movimentos necessários para passarem a compreender: seja o seu lugar no mundo, seja simplesmente que uma coisa é uma coisa. Estes movimentos, além de imprescindíveis para a realização de compreensão, seriam necessários também para transformar-se a pulsão de morte em uma realização que não seja em conflito. Defendemos, assim, a hipótese de que, junto à Oficina Lego¹⁹, as alunas elaboram o seu ser, de modo a passarem a compreender alguns de seus atos como sendo de conflito mas também de superação.

O Lego não é apenas um brinquedo: a partir dele as alunas podem levantar possibilidades de leitura do mundo circundante²⁰. Isto na medida em que as miniaturas representam situações

relacionado ao desejo e ao 'desejo' de se ignorar a origem desse mesmo desejo. Em outras palavras, aquilo que serve de ferramenta à elaboração analítica, a saber, a ausculta do modo e do momento em que o desejo tem origem, tende a permanecer oculta não apenas em razão da natureza fugidia do desejo” (ARAUJO, 2012a, p.83-4), mas fundamentalmente em razão da tendência a suplantar-se o desejo com objetos quaisquer, isto a fim de evitar-se a angústia.

¹⁸ Aqui fica nítido como estão diametralmente opostas as prerrogativas da analítica existencial heideggeriana, para quem compreensão (*Verstehen*) aconteceria sempre, para todo ser-no-mundo, e a psicanálise, para quem todo e qualquer ser, quando sob efeito de um trauma, não consegue compreender nada ou quase nada. Faz-se necessário um esforço no sentido de providenciar primeiro a superação lúdica do trauma para que o ser traumatizado possa chegar a compreender o que quer que seja.

¹⁹ Os cinquenta vídeos confeccionados na Oficina encontram-se disponíveis em: <https://www.youtube.com/playlist?list=UUrysEFqUJDDI0XpcA_ufDIA>. Acesso em 11/08/2018.

²⁰ Buscamos alinhar o lúdico no sentido de provocar a superação dos limites impingidos pelo fato da sociedade em geral, colocar obstáculos à transmissão e assimilação de capital simbólico. Trata-se de nos erigimos fortemente contra a lógica de desumanização que tem lugar no patriarcado, segundo o qual os seres que não enquadrados na lógica simbólica que tem lugar aí, e que, neste sentido, não poderiam sequer ser no mundo. Descobrimos em nossa prática que não sem frequência estes seres são e se descobrem muito mais capazes de pensar do que em geral se supõem. O conceito de violência simbólica, neste contexto, parte do postulado de estarmos sob o julgo de uma engrenagem social cujo fundamento são preceitos que se ordenam com base no machismo e na misoginia. Sobre isto ainda:

passíveis de serem vivenciadas por todos nós. A Oficina, no caso da socioeducação, traz a visão de acontecimentos difíceis e delicados, como, por exemplo, o preconceito sofrido por jovens negros dentro de ônibus na Zona Sul do Rio de Janeiro em agosto de 2015, para contextualizar o ser-no-mundo.

Enquanto tema para a construção dos vídeos e robôs, estes temas permitem às alunas elaborarem as suas próprias experiências; isto levando em conta algumas qualidades desenvolvidas ao longo da Oficina, a saber: “autossuficiência, capacidade de autoavaliação, capacidade de planejamento, coordenação, determinação, cooperação, empatia, atenção, consciência de segurança (...)” (FEITOSA, 2013, p.34)

Estas qualidades vão se revelando ao longo da Oficina e são importantes para a superação das opressões sofridas. Como consequência, realizam-se a compreensão e a elaboração destes cenários por vezes aterrorizantes pelos quais passam as alunas. Isto é: seria a própria Oficina Lego que se abriria para esta possibilidade, de que a partir dela as alunas realizem compreensões essenciais sustentadas pelo desejo de brincar. É preciso ressaltarmos que uma das prerrogativas da Oficina é algo nem sempre passível ou fácil de realizar-se no ambiente educacional, a saber: a liberdade de brincar.

O objetivo não é verificar se o aluno conseguiu ou não montar, mas avaliar o que foi aprendido no processo de construção. Em razão disso, a avaliação é feita durante o processo, por meio das qualidades pessoais, evidenciando o pilar do aprender a ser. Em todas as atividades, os alunos trabalham em equipes, criando um ambiente favorável às relações interpessoais e à socialização. Dessa forma, o aprender a conviver se integra ao processo pedagógico de forma orgânica. Ainda no modelo pedagógico há o pilar do aprender a pensar, representado pelas situações-problema trabalhadas em todas as atividades, ampliando o repertório de conhecimento dos alunos e potencializando o processo de ensino e aprendizagem. (FEITOSA, 2013, p.22).

Brito e Panichi (2015). Há nesta leitura, inclusive, a denúncia de haver no tecido social uma estrutura machista que se ordena e reordena com o fito de distribuir sentidos aos corpos femininos, que devem servir à lógica machista ou serem desqualificados enquanto tais.

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. III | N. 6 | Arte, Liberdade de Expressão e Direitos Humanos.Pastoral Anchieta PUC-RIO.Universitária

3 A Oficina Lego e suas apresentações

“Professora, eu nunca pensei que pudesse ensinar alguma coisa a alguém”. Com essas palavras, uma aluna do projeto, em prantos, agradece à professora Sandra Caldas a oportunidade de aprender a ensinar. Essa participação aconteceu em 2009, no CIEP Graciliano Ramos (Rede Municipal), escola que, então, se prontificou a receber as adolescentes para expor o trabalho desenvolvido.

Vale notar o protagonismo juvenil: já nesta primeira Oficina (2009) apenas um vídeo²¹ não foi suficiente para ocupar todas as alunas. Foi pesquisado, então, por elas, um texto em ambiente eletrônico para ser animado. Depois de pronto, esses vídeos foram mostrados às alunas do Colégio Estadual Luiza Mahin²².

Já no ano de 2010, como um dos temas do Projeto Pedagógico da Escola foi “Educando com Consciência Negra”, foi decidida a produção de um vídeo sobre palavras de origem africanas e indígenas. Este vídeo pôde ser apresentado em um colégio particular da rede de ensino do Rio de Janeiro²³. Nesta apresentação em particular, o Professor Francisco Caldas, de História, já havia conversado com os seus alunos sobre a perspectiva de as alunas serem adolescentes em conflito com a Lei e serem carentes, inclusive de produtos de higiene, ao menos em sua grande maioria. Seja por terem pouca ou nenhuma visita, seja por suas famílias não terem condições para prover ajuda do mínimo necessário, a situação das alunas causou comoção. A turma do terceiro ano mobilizou a escola em torno de uma campanha de doação de produtos de higiene para as alunas visitantes. Na hora da apresentação, os vídeos foram mostrados, as alunas explicaram como esses são feitos (o “passo a passo”) e depois foi aberto o espaço para uma sessão de perguntas. Pedimos para que não fossem feitas perguntas relativas ao ato infracional cometido.

As alunas, surpreendentemente, se mostraram capazes de palestrar com desenvoltura sobre o trabalho realizado. Esta experiência passada no CAEL aconteceu de modo a suscitar o

²¹ Este vídeo, cujo tema foi “Meio ambiente” e que foi trabalhado junto às disciplinas de Língua Portuguesa e Geografia, encontra-se disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8jhTGLoN2TM&feature=related>>. Acesso em: 11 ago 2018.

²² Este vídeo, cujo tema é a água, encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qqzTsD0oc0Y&list=UUrysEFqUJDDIOXpcA_ufDIA&index=44&feature=plcp> Acesso em: 11 ago 2018.

²³ Para os alunos do 2º segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, Formação Geral, do Colégio de Aplicação Emmanuel Leontinis (CAEL).

seguinte: romper paradigmas é possível. Cabe ressaltar que o paradigma rompido é o da sociedade pequeno burguesa, segundo o qual quem não se enquadra na lógica capitalista de ostentação de si via pertences deve ser excluído ou expulso. As alunas, em seu protagonismo, apresentaram algo muito diferente do que o senso comum apresenta em relação às adolescentes em conflito com a Lei. Os alunos que assistiram, seus professores e os funcionários da escola procuraram, inclusive, a professora que acompanhava as alunas para dizer que as alunas os surpreenderam.

Houve ainda outras duas oportunidades para exibir o trabalho desenvolvido nesta escola neste mesmo ano. O número de pessoas assistindo surpreendeu: de 150 pessoas passou para 200 e, na última apresentação, foram 400 pessoas, entre alunos, corpo docente e demais funcionários da escola. Os vídeos exibidos nestas oportunidades foram: “Leguinho”, “A Água e Leguinho” e “O Teorema de Pitágoras”²⁴. Algumas considerações se fazem pertinentes, a saber: alunos do CAEL que não assistiram a primeira e segunda palestras se mobilizaram para pedir que fossem inseridos na oportunidade seguinte. Na primeira apresentação foram somente duas alunas palestrando. Nas demais foram nove e dez, respectivamente ²⁵. Alguns alunos do CAEL passavam confiança às alunas a ponto de dizerem: “– Meninas, nós acreditamos em vocês, por isso, acreditem vocês também que são capazes de mudar o rumo de suas vidas!”. Alunos do CAEL também passaram a perceber que as alunas na realidade eram não apenas capazes, mas desvoltas e cuidadosas. Apresentar-se em um lugar onde as pessoas pensam que elas cometeram crimes? Isto é uma prova de superação. Na primeira apresentação, havia muita apreensão com relação à segurança. Já na terceira, tudo foi bem mais fácil; em todas as vezes que o CAEL foi visitado pelas alunas, elas foram recebidas com um corredor de aplausos.

Nestes momentos, compreendemos a potência do trabalho desenvolvido. Nas palavras da professora Sandra Caldas: “Nestes momentos realizo a importância da Oficina para aquelas jovens. Elas, durante a exposição do trabalho, conquistam o poder de expor seus trabalhos e a si mesmas com orgulho.”

Por fim, é importante trazer que a singularidade de cada aluna envolvida no processo de ensino e aprendizagem é um fator importante a ser considerado no âmbito do que tem lugar na escola. Como as alunas provém de diferentes nichos sociais, o ritmo de aprendizado varia muito

²⁴ Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=skIKJdEoLPO&index=7 &list=UUrysEFqU-JDD 10XpcA_ufDIA>. Acesso em: 11 ago 2018.

²⁵ Agradecemos o Poder Judiciário ter facilitado o acesso de outras alunas ao projeto. DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X| 2018 | V. III | N. 6| Arte, Liberdade de Expressão e Direitos Humanos.Pastoral Anchieta PUC-RIO.Universitária

de uma para outra. Neste sentido, por hábito, o obstáculo mais difícil a ser superado é o tempo de aprendizado de cada aluna. Por hábito e em geral, o ritmo da escola é demasiado lento para quase todas as alunas. O ritmo das alunas é acelerado, e é claro que seja assim: a vida de infrações e crimes o exige. Em sala de aula, fica nítido que esta questão, de cunho temporal, é o que mais dificulta o diálogo e, logo, o aprendizado. Por incluir e respeitar o ritmo de cada aluna, a Oficina Lego é um aliado potente na luta pela abertura das alunas à possibilidade de realizar com prazer as atividades educativas.

Conclusão

Em geral, as jovens em conflito com a Lei não chegam a saber, ou a querer saber, que a estão infringindo. Seria oportuno que houvesse pessoas capazes de instruí-las neste sentido. As jovens também costumam fugir das figuras simbólicas responsáveis pela sustentação e manutenção da Lei, além de negarem o ato infracional em si. Como abordado de início, as alunas, se sabem que estão indo contra a Constituição quando praticam infrações, esse saber não chega a ser compreendido como um motivo para agirem em conformidade à Lei. Em grande parte, existiu já na mais tenra infância um cuidado diário diferente: suas famílias, ao invés de as instruírem sobre os efeitos nocivos de não seguirem a Lei, realizavam também atos criminosos. O cuidado capaz de fazer com que sublimem o desejo destruição, no entanto, é sempre possível. Assim como faz-se presente na Oficina Lego este cuidado pode estar presente sempre que exista uma atmosfera do lúdico e da brincadeira.

Os educadores que trabalham com as adolescentes em conflito com a Lei sabem que, apesar das dificuldades, as alunas têm mais do que potencial: têm uma existência única, delicada e que exige cuidados. Causar uma compreensão acerca de suas próprias condições de superação parece um bom começo. Nestas circunstâncias, a Oficina Lego tem se mostrado vitoriosa. Ela causa não apenas a realização de compreensões, mas também desperta nas alunas o júbilo da brincadeira.

Sobre as perguntas feitas no início deste artigo podemos concluir que, não obstante as adolescentes em conflito com a Lei terem noção de que agiam errado quando infringiam a Lei, elas compreendem isso apenas depois de terem tido oportunidade de realizar seu ser de outra maneira que não na delinquência. Isto é, há a necessidade que elas realizem este ser junto a um

trabalho, que chamamos de perlaboração, para que possam, então, compreender não apenas que agiam em conflito com a Lei mas, sobretudo, para virem a descobrir outras possibilidades de ser, de preferência com orgulho e alegria.

Referências Bibliográficas

ABDALLA, J. F. S.; SILVA, S. P. (Orgs.) *Ações socioeducativas: municipalização das medidas em meio aberto do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Degase, 2010.

ABDALLA, J. F. S.; VERGILIO, S. Violência, Drogas, Educação e Instituição Socioeducativa a adolescentes em conflito com a lei: uma experiência em construção.. *IV Seminário Internacional – Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina*. UERJ, nov. 2012. p.193-206.

AQUOTTI, Natalie Pereira; AQUOTTI, Marcus Vinicius Feltrim. *14 anos e ECA: a Criança e o Adolescente Infrator na Sociedade Atual*. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/205/205> > Acesso em: 17 dez 2015.

ARAUJO, Fabíola Menezes. 2012a. *A recepção do pensamento de Martin Heidegger por parte da psicanálise de Jacques Lacan - o inconsciente como manifestação do ser*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012a. Disponível em: <http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/0ACFB58AA37846D0E07EEA0C0201EDA2.pdf>.

O falatório segundo Heidegger e em Lacan. *Páginas de Filosofia*. v.IV, n.2, p.17-28 2012b.

O Lugar da Agressividade na Educação a partir da Perspectiva Lacaniana. *Dialectus*. n.2, p.131-145, 2013a. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/FABOLD>

O movimento do Fort-da na leitura de Jacques Lacan.”, *aSEPHallus*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. v.VIII, n.15, p. 69-84, nov/2012 a abr/2013b.

BYUNG-CHUL, Han. *Topologia da Violência*. trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRITO, Diná Tereza; PANICHI, Edina. *Crimes contra a dignidade sexual: a memória jurídica pela ótica da estilística léxica*. Paraná: EDUEL, 2015.

FEITOSA, Jefferson Gustavo (Org.). *Manual Didático Pedagógico*. Curitiba: Zoom, 2013.

Freud S. *As Neuroses de Defesa* (1984). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. V.III. Rio de Janeiro: Imago, 2017.

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V.VII. Rio de Janeiro: Imago, 2017.

Além do princípio do Prazer. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. V.II. 1915-1920. Trad. Claudia Dornbusch, Helga Araujo, Maria Rita Salzano e Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I e II. Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, Maira Sampaio Alencar; LIMA, Maria Celina Peixoto. As contribuições de Freud para o debate sobre educação e inibição intelectual. In: *Proceedings of the 8th: O declínio dos*

saberes e o mercado do gozo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032010000100003&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 11 ago 2018.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016. Disponível em: https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/map45_segato_web.pdf

ZEITOUNE, Chistiane da Mouta. Ética, lei e responsabilidade - Considerações sobre o atendimento clínico aos adolescentes em conflito com a lei. *aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol.III, n.8, p.43-60, 2009. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/revista_8.pdf> Acesso em: 11 ago 2018.

Premiações (recebidas pela oficina lego e pela prof. Sandra Caldas):

- Em 2009

Professor Destaque do Programa Bloco a Bloco da LEGO Education (São Paulo).

- Em 2010

Reconhecimento da ANA (Agência Nacional de Águas) ao filme “Amigo Rio” pela relevância ao conteúdo exibido.

Finalista do prêmio “Aprendendo a Ensinar Tecnologias Sociais” da Fundação Banco do Brasil e Revista Forum (Brasília – DF);

- Em 2011

Campeã Nacional do “Prêmio Educadores Inovadores da Microsoft” na Categoria: Contextos desafiadores (em São Paulo).

Campeã Mundial do “Prêmio Educadores Inovadores da Microsoft” na Categoria: Contextos desafiadores (Em Washington – EUA).

- Em 2012

40ª medalha “Orgulho do Rio” oferecida pelo Jornal “O DIA” para quem faz a diferença no Estado do Rio.

Publicações sobre a oficina lego:

Os cinquenta vídeos confeccionados na Oficina encontram-se disponíveis em: <https://www.youtube.com/playlist?list=UUrysefQJDDI0XpcA_ufDIA>. Acesso em 11 ago 2018.

Observação: dentre as mais de quarenta publicações sobre o Projeto Oficina Lego, destacamos algumas reportagens em função de sua disponibilidade em ambiente eletrônico:

16/8/2011 - A TV Brasil faz uma matéria sobre o Projeto, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3Ntoy7nR_RY>. Acesso em 11/08/2018.

16/11/2011 – Jornal do Comércio publica resultado do prêmio e divulga o projeto disponível em : <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/tecnologia/noticia/2011/11/16/brasil-ganha-premio-de-educacao-da-microsoft-22387.php>> Acesso em 11/08/2018.

16/11/2011 – Jornal TIBAHIA.com publica o resultado do prêmio. Disponível em: <http://www.tibahia.com/tecnologia_informacao/conteudo_unico.aspx?c=NOT_EDU&fb=B_FULL&hb=B_CEN-TRA&bl=LAT1&r=NOT_EDU&nid=13435> Acesso 11/08/2018.

24/11/2011 – Blog de educação (EDUCA TUBE) cita o prêmio recebido, disponível em: <http://educa-tube.blogspot.com/2011/11/brasil-conquista-1-lugar-na-etapa.html?showComment=1324949940868#c398476150358329115> Acesso em 11/08/2018.

2/12/2011 – Site da Educação Noticiando o Projeto. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=699457>> Acesso em 11/08/2018.

2/12/2011 – Matéria na Folha de São Paulo, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/1015485-escola-de-menores-infratoras-do-rio-vence-premio-nos-eua.shtml>. Acesso em 11/08/2018.

7/12/2011 Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro publica Matéria da Comissão de Educação no SENADO. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/ce-homenageia-vencedores-do-premio-microsoft-educadores-inovadores-2011.aspx>> Acesso em 11/08/2018.

13/12/2011 - Site da Secretaria de Educação noticiando a ida da profa. Sandra Cladas ao Senado:, disponível em <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=714113>. Acesso em 11/08/2018.